



RESUMO ESTENDIDO

SUSTENTABILIDADE NA CADEIA DA CARNE

CAMINHOS PARA O BRASIL E OS APRENDIZADOS DO P4F

Contexto

Com um rebanho de mais de 224 milhões de cabeças de gado, o Brasil é o maior exportador de carne bovina do mundo. No entanto, a pecuária brasileira, em geral, ainda é de baixa tecnificação e produtividade. Deste modo, a atividade, embora tão importante para a nossa economia, é frequentemente associada ao desmatamento e à emissão de gases do efeito estufa.

Com o avanço das discussões sobre mudanças climáticas, a sociedade civil e os mercados consumidor e financeiro estão cada vez mais conscientes da importância de uma pecuária sustentável. Isso tem pressionado a

cadeia da carne a, progressivamente, tomar ações de transparência e sustentabilidade.

Nesse sentido, o estudo realizado pela Agroicone contempla um diagnóstico da produção pecuária no Brasil, levando em conta os principais desafios e oportunidades da cadeia da carne bovina, inclusive sob a ótica dos atores. Além disso, o estudo apresenta uma análise do portfólio de iniciativas apoiadas pelo Partnerships for Forests – P4F e discute sua importância neste contexto, além de detalhar estratégias para alcançar uma cadeia da carne bovina mais sustentável.

Figura 1 - Estratégias metodológicas utilizadas



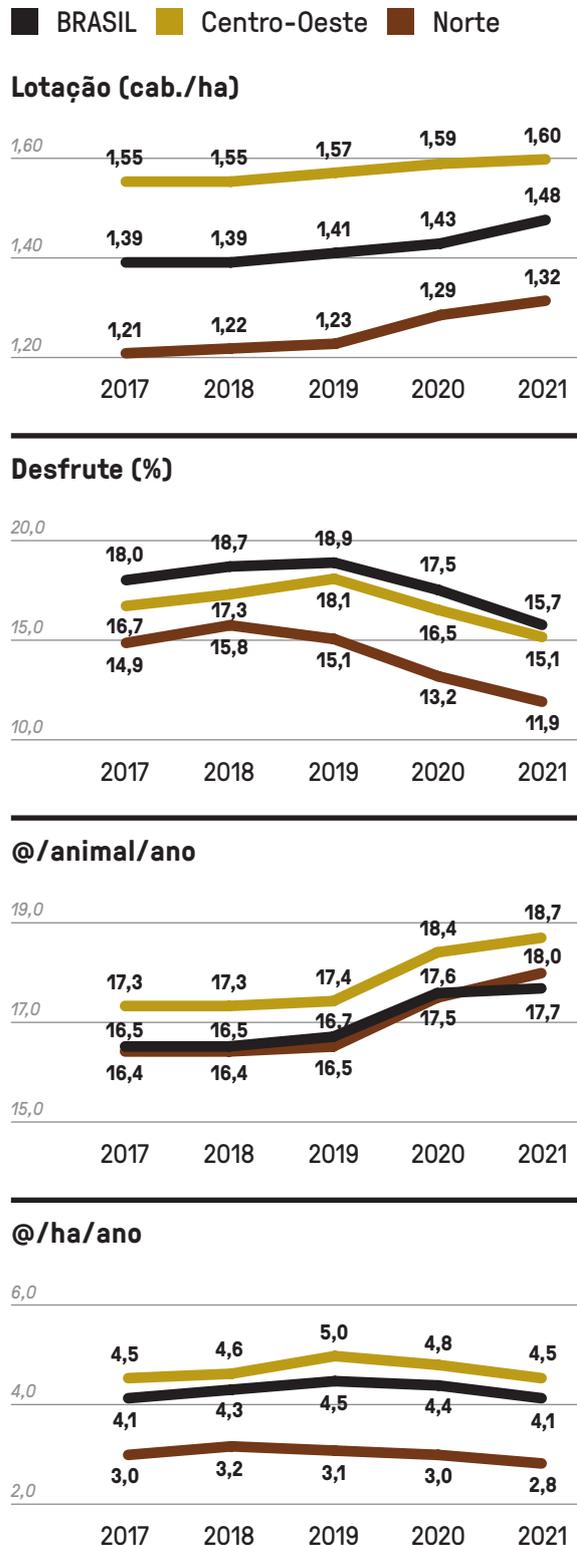
Diagnóstico, barreiras e oportunidades

A adoção de tecnologias e de boas práticas agropecuárias (BPAs) tem crescido e os resultados já começam a se tornar visíveis, tanto para o meio ambiente quanto para o produtor rural. Uma análise dos últimos anos mostra um aumento relevante de produtividade, possivelmente por conta de um melhor manejo, que permite abater um boi em menor tempo e com maior peso.

Isso também significa mais gado em menos espaço, o que diminui a pressão por abertura de novas áreas para pastagens, contribuindo para zerar o desmatamento.

A dinâmica da produtividade agregada, contudo, se mostra distinta no padrão observado nas regiões brasileiras (Figura 2). A capacidade de suporte medida pela taxa de lotação, por exemplo, é superior na região Centro-Oeste se comparada com a região Norte (e com o Brasil). Enquanto no Centro-Oeste as áreas de pastagens reduziram e o rebanho aumentou, a região Norte registrou aumento no rebanho junto com o aumento nas áreas de pastagens. Ou seja, enquanto o Centro-Oeste vem transformando áreas de pastagem em áreas com outros usos e aumentando o rebanho com ganhos de produtividade, na região Norte ocorre o crescimento de lotação de forma “extensiva”, ou seja, concomitante com a expansão de áreas de pastagem, especialmente sobre áreas de vegetação nativa.

Figura 3 - Indicadores de produtividade para o Brasil e as regiões Norte e Centro-Oeste



Nota: cada arroba (@) equivale a 14,7 kg; taxa de lotação é calculada como a razão do rebanho total e área de pastagens por ano; taxa de desfrute é calculada como a razão do número de cabeças abatidas e o rebanho total por ano; @/cab/ano é a razão da produção de carne bovina em equivalente-carcaça (em arrobas) pelo número de animais abatidos por ano; @/ha/ano é a razão da produção de carne bovina em equivalente-carcaça (em arrobas) pela área de pastagens por ano. Vale ressaltar que foram considerados os dados de abate do IBGE, não sendo incluído o abate informal ou não inspecionado.

Fonte: IBGE, Mapbiomas (Coleção 6), IHS Markit (2022). Elaboração: Agroicone



Esse crescimento recente observado é fruto de, ao menos, dois movimentos. O primeiro é a pressão do mercado, em especial a China, com a exigência de um animal terminado em até 30 meses, o que obriga os produtores a se adaptarem e investirem na melhoria da produtividade. O segundo, é a própria dinâmica de adoção de boas práticas agropecuárias pelos produtores, que engloba intervenções na dieta, no uso do solo, na introdução de sistemas integrados, no manejo das pastagens, na genética e nos ciclos produtivos. Todavia, esse processo não é absorvido por todos os ciclos da atividade produtiva da pecuária, sendo os produtores de cria os mais fragilizados e com menor acesso a oportunidades de modernização da produção.

Além disso, há o grande desafio de monitoramento dos fornecedores indiretos, muitas vezes pequenos produtores e vinculados a um processo de ocupação de áreas de vegetação nativa de forma desordenada. Diante da fragilidade da legislação fundiária e ambiental, é economicamente racional para esses produtores uma estratégia produtiva extensiva em que, ao observar perda de vigor das pastagens, pode optar por abrir uma nova área sobre vegetação nativa do

que recuperar a área degradada. Mesmo em não conformidade ambiental e fundiária, esse produtor ainda consegue fornecer animais para o mercado interno.

Ainda que com características comuns, o “pecuarista” é composto por um público heterogêneo, que tende a ser avesso ao risco e – por estar nessa atividade, na maioria das vezes, há anos, gerações – a novidades. A adoção de boas práticas agropecuárias é uma decisão que parte do produtor rural. Os demais elos da cadeia, como frigoríficos e varejistas, ainda que possam ofertar incentivos, têm uma capacidade limitada de influenciar nesse processo.

É preciso trazer o produtor para o centro da questão, provendo condições para que o mesmo opte pela adoção de boas práticas. A possibilidade de auferir lucros fictícios (a percepção de lucro por parte dos pecuaristas é proveniente da frequente não incorporação de custos de terra e/ou mão de obra em suas análises financeiras, o que distorce os resultados reais) torna ainda mais complexa essa mudança de tomada de decisão. Sendo assim, um conjunto de instrumentos e incentivos para a reversão desse processo deve ser adotado.

Na seara pública, a principal política pública orientada para fins de sustentabilidade na pecuária é o Plano ABC+, em especial seu braço de financiamento, o Programa ABC+ e as linhas de crédito do Pronaf ABC+. Apesar de extremamente importantes, esses recursos são insuficientes se comparados ao montante necessário para tornar a pecuária brasileira mais sustentável ou mesmo alcançar as metas do próprio Plano ABC+.

Deste modo, o financiamento privado vem ganhando destaque, especialmente no campo das finanças sustentáveis. Além do amplo esforço do Banco Central do Brasil em incorporar as agendas climática, social e ambiental na concessão de crédito rural e na atuação do governo no aprimoramento do ambiente institucional e regulatório, as instituições financeiras vêm se movimentando no sentido de melhor subscrever os riscos climáticos, bem como na incorporação de critérios de sustentabilidade na concessão do crédito e na construção de instrumentos financeiros voltados para fins sustentáveis.

Quanto às certificações e ao Pagamento por Serviços Ambientais - PSA, apesar de alternativas que podem auxiliar no cumprimento dos compromissos firmados pelos frigoríficos a partir de uma estratégia de fidelização dos produtores mais sustentáveis, essas iniciativas são ainda esparsas e dotadas de alto custo de transação, além de insuficientes para pagar pelo custo de oportunidade das decisões econômicas do produtor.

Para que esses mecanismos prosperem, faz-se necessário aprimorar a capacidade de quantificação e mensuração dos atributos de sustentabilidade e de emissões de gases do efeito estufa – GEE. É preciso focar esforços na construção de metodologias robustas e confiáveis não só para dar lastro aos

instrumentos de incentivo, mas para que o Brasil melhore sua capacidade de comunicação junto à sociedade civil e comunidade internacional a ponto de dominar o debate e não ser somente responsivo às pressões de mercado. Comunicar de forma assertiva as nuances da pecuária brasileira, seu potencial produtivo e sua capacidade de prover soluções socioambientais é fundamental para esse processo.

De forma transversal, a rastreabilidade e o monitoramento da cadeia da carne, especialmente dos fornecedores indiretos, ainda é um grande desafio para a transparência de seus atributos socioambientais, mesmo com as evoluções tecnológicas e o crescimento das iniciativas voltadas a resolver o problema. Existe uma dispersão entre os atores, que não atuam de forma conectada, necessitando de uma maior coordenação entre os elos da cadeia, como mostra a Figura 3.

A integração das iniciativas, bem como entre os demais elos da cadeia, precisa ir em direção da homogeneização de processos e parcerias, seguindo na construção de pontes e soluções para os produtores bloqueados (por não conformidade socioambiental) e de esforços para melhorar a gestão de informação nos estados, superando, assim, o desafio do desmatamento associado à cadeia da carne.

Como elo importante, os frigoríficos têm corrido contra o tempo para prover soluções sustentáveis à cadeia, e assim cumprirem com seus compromissos voluntários. Para endereçar esse desafio de curto prazo, as discussões estão direcionadas ao uso da GTA (Guia de Trânsito Animal) enquanto instrumento de rastreabilidade associada ao CAR (Cadastro Ambiental Rural), este como instrumento

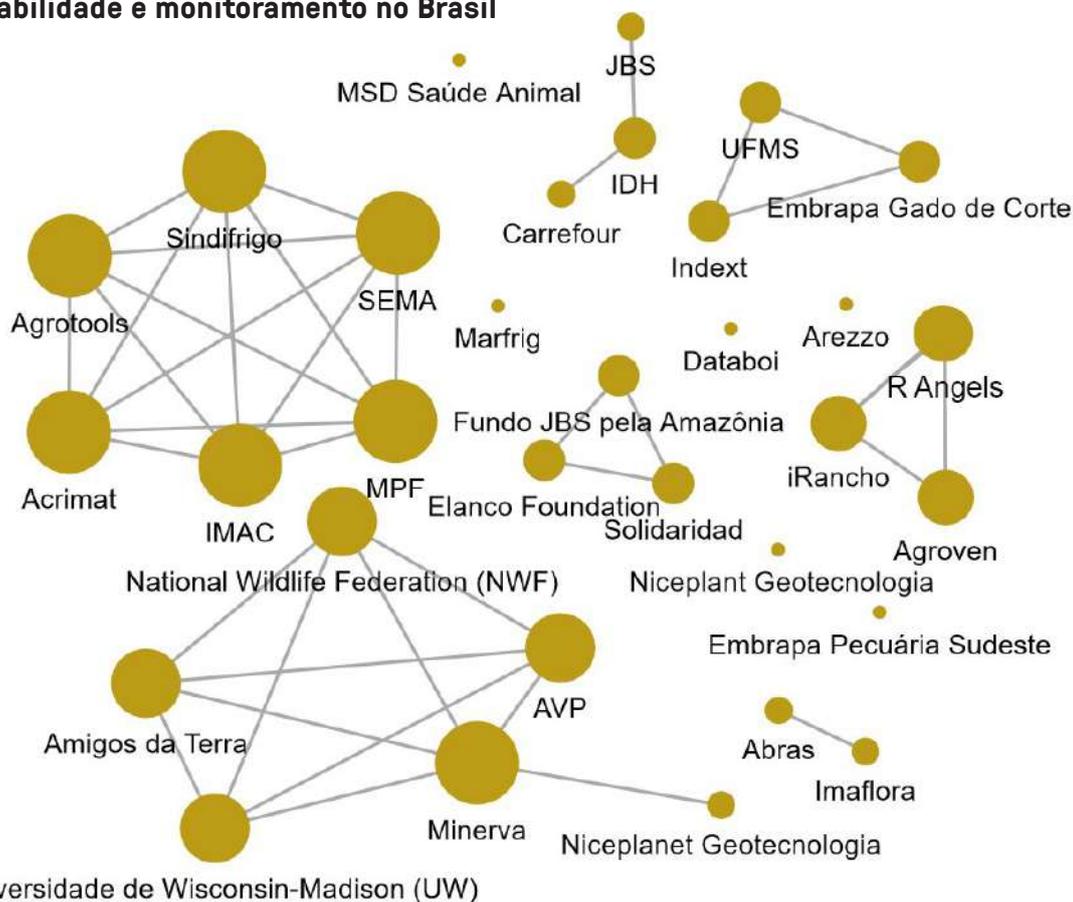
de monitoramento do desmatamento. A possibilidade de maior exposição ao risco moral e, conseqüentemente, ao risco sanitário, além de a GTA corresponder ao lote de animais transacionados, impõe alguns limites ao seu uso. No entanto, é a solução mais factível dado o curto espaço de tempo disponível.

Isso não significa, contudo, que os esforços e recursos em soluções de monitoramento dos ciclos de produção da atividade pecuária sejam descartados. É necessário entender a solução de uso da GTA combinada ao CAR como complementar às soluções de rastreabilidade individual, única estratégia capaz de trazer luz à questão do monitoramento do desmatamento. Conferir valor às informações socioeconômicas e produtivas de cada propriedade num sistema

de rastreabilidade individual poderia ser uma solução. Isso seria empacotado numa política nacional de rastreabilidade individual, tudo isso de forma coordenada e compartilhada com os demais elos da cadeia. O entendimento de uma política nacional não significa que ela será destinada a todo o território, e sim àquelas regiões com maior risco socioambiental.

Ademais, é importante salientar a necessidade de atuação no território, trazendo informação ao produtor, reduzindo assimetrias de informação entre estes e os demais elos da cadeia, bem como diminuindo a resistência e a aversão ao risco desse público, processo este necessário para o fomento à adoção de boas práticas e para a conformidade socioambiental da produção.

Figura 3 - Rede social das iniciativas em rastreabilidade e monitoramento no Brasil



Nota: recomenda-se a leitura do Apêndice A no estudo completo, que detalha a metodologia utilizada, assim como suas limitações.
 Fonte: resultados do estudo. Elaboração: Agroicone

Desafios e estratégias

A Tabela abaixo sumariza os sete desafios principais identificados no estudo, assim como as estratégias para superação dos mesmos. No relatório completo, também

são endereçados os atores potenciais para engajamento, tempo de implementação e grau de complexidade para execução.

Desafio

Acelerar a atração de produtores na adoção de BPAs

Dar escala a iniciativas e ações de sustentabilidade produtiva

Acesso ao crédito subvencionado e redução de risco de operações de financiamento

Dificuldade de mensuração das contribuições ambientais e climáticas da adoção de BPAs

Estratégias

- Mobilizar atores locais e instituições de apoio à cadeia da carne que possuam capilaridade no território em prol da adoção de BPAs
- Identificar e engajar atores e produtores-chave, com reconhecida influência no setor, com o intuito de disseminar informação de forma natural
- Prover apoio técnico para que produtores rurais adotem BPAs
- Apoiar modelos de negócios agregadores
- Avaliar o potencial de instrumentos financeiros com finalidades sustentáveis na promoção de modelos de negócios agregadores
- Auxiliar produtores no acesso ao crédito por meio de disseminação de informação
- Treinar assistentes técnicos para a construção de projetos de investimento
- Apoiar iniciativas voltadas à redução dos custos de transação nas operações de crédito
- Apoiar a construção de instrumentos redutores de risco, como fundos de aval e blended finance
- Apoiar iniciativas que melhorem a subscrição dos riscos socioambientais das operações de crédito
- Apoiar iniciativas de diferenciação de condições de financiamento por estratégia de manejo e aspectos socioambientais;
- Apoiar instituições de pesquisa engajadas na construção de metodologias de emissões
- Promover a integração das instituições de pesquisa engajadas na construção de metodologias
- Avaliar formas de incorporar essas metodologias às finanças sustentáveis e a instrumentos de PSA e certificações

Limitação de escala de instrumentos de PSA e certificações

- Auxiliar a cadeia da carne bovina no fortalecimento de instrumentos de PSA e em certificações como parte dos mecanismos de fidelização dos pecuaristas

Rastreabilidade e monitoramento

- Auxiliar os estados na gestão da informação
 - Apoiar a integração entre CAR e GTA
 - Criar uma plataforma única de checagem de conformidade socioambiental
 - Auxiliar os frigoríficos de menor porte na construção de compromissos voluntários
 - Apoiar uma política nacional de rastreabilidade individual, especialmente em municípios com alto risco socioambiental
 - Apoiar a agregação de valor à rastreabilidade individual via redução de assimetrias de informação
- Disseminar a rastreabilidade individual como benefício, sendo instrumento de gestão da atividade e da propriedade

Comando e controle do desmatamento

- Implementar o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia



Photo: Brazil-China TFA Project Archive

A atuação do P4F

O P4F vem atuando de maneira decisiva, mobilizando esforços em torno da promoção da integração entre atores da cadeia, da homogeneização normativa, no apoio a modelos de negócios agregadores e na

construção de ferramentas de monitoramento e de metodologia de emissões de GEE na pecuária. A Tabela 2 resume o escopo do apoio prestado pelo P4F bem como os principais impactos gerados na cadeia da carne:

Projeto

Apoio do P4F

Principal impacto

PECSA

Aprimoramento de gestão produtiva e ESG; estudo de emissões de GEE; apoio na captação de novos investidores. Identificação de quais modelos de negócios agregadores baseados em cessão têm potencial em alavancar a adoção de BPAs.

Identificação de quais modelos de negócios agregadores baseados em cessão têm potencial em alavancar a adoção de BPAs.

Carbon Methodology

Elaboração de metodologia de emissões de GEE para a pecuária intensiva; apoio no processo probatório da Verra; teste da metodologia em uma fazenda no norte do Tocantins.

Oportunidade de mensurar emissões de GEE na atividade pecuária. Implicações em termos de fundamentação para o posicionamento do Brasil no debate global e para instrumentos de PSA e finanças sustentáveis. Redução do período de payback para pecuaristas que investem em BPA.

Responsible Beef Partnership

Desenvolvimento da Conecta e disseminação entre produtores; mobilização de atores locais e setor público em torno da agenda de conformidade ambiental.

Atuação junto ao produtor rural, governos e frigoríficos em prol da regularização ambiental.

Conecta

Estabelecimento do plano de negócios; implementação do plano de negócios.

Solução tecnológica para monitoramento e rastreabilidade dos ciclos produtivos da atividade pecuária.

Projeto**Apoio do P4F****Principal impacto****Boi na Linha**

Aproximar o Ministério Público Federal dos estados amazônicos e frigoríficos em torno dos protocolos de monitoramento e auditoria padronizados; incentivo para que todos os abatedouros Tier 1 e 50 abatedouros Tier 2 adotem o protocolo unificado; apoio por meio de treinamentos e capacitações.

Grande marco em termos de homogeneização normativa e padronização de processos.

TFA Brazil-China

Estabelecimento do Beef Alliance com um protocolo de monitoramento homogêneo para transações comerciais de carne entre Brasil e China; implementação e monitoramento de uma transação comercial piloto, seguindo o protocolo estabelecido.

Oportunidade de padronização de processos e critérios socioambientais no mercado internacional. Possibilidade de expansão para outros países/blocos.

Trajetória rumo à sustentabilidade

Combinadas as vantagens comparativas que a atividade pecuária brasileira possui (maior rebanho bovino do mundo e extensas áreas de pastagens) juntamente com a ampla disponibilidade de estratégias de manejo e adoção de BPAs, o Brasil é posto numa posição única no que se refere ao potencial de incrementos de produtividade na pecuária atrelado a atributos socioambientais.

A cadeia pode e deve continuar evoluindo em produtividade e eficiência, contribuindo para a geração de renda, para o desenvolvimento de negócios e para a geração de divisas internacionais. Ademais, pode contribuir como uma das principais estratégias do país para redução de desmatamento, preservação

de biodiversidade, conservação de recursos hídricos e transição para uma economia inclusiva e de baixo carbono.

Vale destacar que os instrumentos de comando e controle (públicos) e de mercado (privados) são complementares e indissociáveis quando se almeja alcançar cadeias produtivas livres de desmatamento.

O desfecho dessa história deve seguir para a integração e organização dos atores da cadeia, com o Brasil assumindo o protagonismo e pautando o debate em prol da sustentabilidade, e tendo o produtor rural como ponto fundamental dessa trajetória.

Coordenação e execução



Esse estudo foi encomendado pelo programa Partnerships for Forests (P4F) à Agroicone. O P4F, desde 2018, atua com a cadeia da pecuária no Brasil, um de seus quatro setores prioritários.

AUTORES

Leila Harfuch

textos, edição, entrevistas, revisão técnica, coordenação

Gustavo Dantas Lobo

textos, edição, entrevistas, revisão técnica

Gabriela Mota da Cruz

textos, entrevistas

Lauro Vicari

apoio técnico, revisão técnica

Fábio Pires Watanabe

apoio técnico

Ana Carolina Pereira

apoio técnico

COLABORAÇÃO

E REVISÃO: P4F/ PALLADIUM/SYSTEMIQ

Gustavo Palauro

revisão técnica

Isabella Mercuri Granero

revisão técnica

Pedro Ferro

revisão técnica

Márcio Sztutman

revisão técnica

Felipe Faria

colaboração

Consultoria Técnica
Agrosuisse

Comunicação

Mauricio Boff

Nathalia Marangoni

Revisão ortográfica

Alice Rejaili Augusto

Foto da capa

Alfribeiro/depositphotos

Projeto editorial

O Mundo Que Queremos

Apoio técnico e financeiro



S Y S T E M I Q